

A ideia de Portugal em *A Vendedora de Cupidos* de José Leon Machado

Maria de Fátima da Silva Teixeira

Introdução

O trabalho consiste na análise da obra *A Vendedora de Cupidos* de José Leon Machado. Trata-se de um romance histórico e faz parte de uma triologia.

O primeiro romance intitula-se *Memórias das Estrelas sem Brilho* e aborda a temática da I.^a Grande Guerra Mundial e o envio de tropas portuguesas para as trincheiras na Flandres, em França. A narrativa aborda não só a vertente militar, política e económica, mas também faz o relato de jovens que se viram privados de viver a juventude livremente e prosseguir os seus projectos de vida. Muitos foram obrigados a abandonar tudo e todos e partiram para uma guerra que dizimou muitos, mutilou outros e os que sobreviveram ficaram com mazelas físicas e psicológicas para o resto das suas vidas. O autor faz o relato dos acontecimentos seguindo uma estrutura cronológica muito fidedigna, como se deve revestir o romance histórico.

O segundo romance trata-se da obra *A Vendedora de Cupidos* e será objecto de análise mais aprofundada no corpo deste trabalho. É também um romance histórico, mas desta feita aborda o período da II.^a Grande Guerra Mundial, entre 1943 e 1945.

O último romance da triologia não está ainda publicado, mas de acordo com informações do autor em entrevistas publicadas, este abordará a temática de uma outra guerra que afectou Portugal, a Guerra Colonial em África.

A motivação do autor para a escrita de romances históricos, abordando estas Guerras que marcaram sobremaneira Portugal, reside no facto de o autor ter o desejo de conhecer a História do século em que nasceu. Embora não tivesse vivido na época das duas Grandes Guerras e fosse demasiado jovem para viver plenamente as consequências da Guerra Colonial, cresceu a ouvir falar delas e das suas consequências. Ouviu falar da experiência do seu bisavô na I.^a Guerra Mundial, das privações pelas quais passou Portugal aquando da II.^a Guerra Mundial, e o seu pai foi recrutado para a Guerra Colonial, em Moçambique. Faz, portanto, todo o sentido abordar esta temática conjugando-a com um enredo interessante e enigmático que prende o leitor até ao último parágrafo.

Para a escrita deste romance, o autor serviu-se de relatos feitos por familiares e amigos e baseou-se em factos descritos por autores que trabalharam a mesma temática. Assim, José Leon Machado faz referência a várias obras, a saber: *Volfrâmio* de Aquilino Ribeiro (1944); *As Minas de San Francisco* de Fernando Namora (1946); *História de Portugal*, volume VII, subtítulo O Estado Novo de José Mattoso (2007); *O Porto no Tempo da Guerra* de Helder Pacheco (1998); *A Europa em Guerra (1939-1945)* de Norman Davies (2008); *A Face Oculta de Hitler* de Lothar Machtan (2002); *Portugal Visto pelos Nazis* de António Louçã (2005).

Contextualização histórica da obra

O romance retrata o período entre 1943 e 1945 estando o mundo a assistir à II.^a Guerra Mundial. Portugal, embora não estivesse directamente envolvido, pelo menos não à escala do que sucedera na I.^a Guerra Mundial, vivia sob o medo de voltar a ver os seus homens partirem para mais uma guerra.

Embora o acontecimento se encontre fora do enquadramento histórico do romance, importa fazer referência à Guerra Civil Espanhola que pode justificar a neutralidade de Portugal na II.^a Guerra Mundial. Durante o conflito no país vizinho, surgiu o medo da anexação espanhola de Portugal que tinha medo que o Republicanismo, de cariz socialista, ganhasse a guerra civil e aumentasse o apoio aos grupos oposicionistas portugueses. Portugal deveria manter-se à margem da política europeia continental, aos seus contenciosos, às suas perturbações, no entanto, não podia ignorar o facto de estar ligado geograficamente à Espanha e o facto de as suas colónias também dependerem das boas relações políticas e económicas, com o país vizinho. Deveria manter-se a amizade peninsular e desenvolver as potencialidades coloniais. Com o Estado Novo regressava-se assumidamente ao atlantismo. Portugal deveria continuar a manter boas relações com a Alemanha que era ainda senhora dos mares e tinha uma vasta fronteira com as colónias portuguesas em África e na Índia. Era o grande fornecedor da economia portuguesa, o seu principal cliente e o transportador do grosso das exportações portuguesas; era o principal investidor estrangeiro e fora o principal credor externo. Portugal agiu sempre, em relação à Grã-Bretanha, com uma calma e meticulosidade enormes, especialmente no que toca à Guerra Civil Espanhola e à II.^a Guerra Mundial. Pressionava o Reino Unido com o facto da Alemanha se ter tornado numa potência continental sua concorrente e só cedia caso isso fosse proveitoso para a manutenção dos interesses portugueses, nunca deixando que a ‘Velha Aliança’ se rompesse.

A neutralidade portuguesa declarada no início da guerra era de interesse britânico, uma vez que era do seu interesse afastar toda a Península Ibérica do conflito.

Com o controle da Espanha, a neutralidade portuguesa passou a ser mais “colaborante” para os aliados, não obstante as duras negociações que Salazar sujeitou ao Reino Unido e aos Estados Unidos da América para a concessão de facilidades nos Açores. Essa vertente colaborante foi mais activa no que toca à vertente política do que económica. Para o Estado Novo, a neutralidade portuguesa, colaborante com os Aliados, tinha que ser conduzida de maneira a não criar desentendimentos com a Alemanha, susceptíveis de perigar a soberania portuguesa.

Salazar optou por fazer jogo duplo com os países envolvidos na guerra, sob uma pretensa neutralidade. Desde 1910 que empresas portuguesas e alemãs exploravam as minas de volfrâmio, metal necessário na indústria de armamento. Com o início da Guerra o Instituto de Geologia e Minas concedeu alvarás de exploração a empresas inglesas. Enquanto na Europa e em África ingleses e alemães lutavam e se matavam, em Portugal eram exploradas as minas de volfrâmio e exportadas as sardinhas enlatadas usadas nas rações dos soldados. Em troca, Portugal recebia lingotes de ouro da Alemanha e da Inglaterra material bélico, canhões e espingardas. Salazar desta forma fornecia para as duas forças inimigas sem estar de costas voltadas para a Inglaterra ou a Alemanha.

A par destes acontecimentos, a população assistiu ao racionamento de bens imposto pelos países envolvidos no conflito, como forma de evitar que os produtos usassem os países neutros como canais de redistribuição para as forças inimigas. Os bens eram administrados pelo Grémio que os distribuía por meio de senhas. Esta situação levou a “pequenos” conflitos internos por parte da população que fazia assaltos, pilhagens e tentavam arrecadar o máximo de produtos.

Esta neutralidade terminou a 12 de Junho de 1944 quando Salazar, por Decreto-Lei, ordenou a suspensão da exploração do volfrâmio e proibiu a sua exportação e circulação, acabando assim com a pressão exercida pelo Terceiro Reich e pelos aliados.

Análise da obra

A narrativa começa com a notícia da morte do padre da aldeia da Gralheira, nos arredores de Braga, em Dezembro de 1943.

No mundo decorria a II.^a Guerra Mundial que provocou grandes mudanças na vida da população. Portugal, embora tivesse optado pela neutralidade em relação ao conflito entre o Terceiro Reich e a Inglaterra, estava de alguma forma envolvido. Portugal explorava as minas do volfrâmio desde 1910 e este minério era canalizado para as indústrias de armamento. Inicialmente, a exploração era feita por empresas portuguesas e alemãs. Com o rebentar da II.^a Guerra Mundial, o Instituto de Geologia e Minas deu alvará de exploração a empresas inglesas. Portugal exportava o volfrâmio, para a indústria de armamento, e as sardinhas enlatadas para as rações dos soldados, fazendo com isso jogo duplo. Exportava os produtos para as duas forças da guerra: dos alemães recebia lingotes de ouro e dos ingleses recebia canhões e espingardas para reforçar o seu exército. Embora fosse pressionado por ambas as forças para optar pela exclusividade, Salazar foi adiando a decisão e assim ia-se mantendo, de certa forma afastado da Guerra. No entanto, no coração dos portugueses reinava o medo de os seus homens serem novamente mobilizados, tal como havia acontecido na I.^a Guerra Mundial.

Como consequência directa da guerra, os portugueses sentiam a escassez dos géneros, por não haver ou por serem caros. Foram feitas requisições pelo Grémio de alguns bens e os comerciantes e grandes proprietários açambarcaram o que puderam. Isto originou o roubo e a vandalização de quintas, lojas, adegas e celeiros por parte da população mais desesperada ou oportunista. No Verão de 1943 registaram-se motins contra a requisição do milho, do centeio e da lenha.

Nesta aldeia da Gralheira, a maioria dos homens e algumas mulheres, estas na separadora do minério por ser menos perigoso, ocupavam-se nas minas de extracção do volfrâmio. Uma em particular, era administrada por um alemão, Hans Krüger, e empregava grande parte do enredo da narrativa.

A extracção do minério não era a única ocupação da população. Trabalhadores da mina e homens que se sabiam movimentar, viviam à custa do contrabando do volfrâmio que rendia mais do que o trabalho honesto. O minério desviado ou regressava novamente à mão dos alemães (administrador) ou ia para os ingleses, de acordo com o receptor e as suas negociatas. Estas transacções envolviam homens muito influentes na zona, nomeadamente o Padre, o Presidente da Junta de Freguesia, o Cabo da Regedoria, o merceeiro, entre outros, que se movimentavam com o auxílio de homens que também exerciam tarefas de alguma responsabilidade dentro da mina.

A obra dá-nos a visão de uma sociedade corrupta e onde se praticava o jogo de interesses e do poder. O regedor da aldeia fora nomeado para o cargo devido a influências por parte do Presidente da Junta, Altino Pinheiro, um déspota, exemplo de até onde pode ir um homem sem escrúpulos para ser bem sucedido nos seus intentos de exercer poder, e do Júlio Torrão, emigrante no Brasil, durante quase trinta anos, onde construiu riqueza e arranjou casamento. O próprio regedor, embora honesto, pediu a Hans que empregasse o filho na mina, exercendo influência pela função que desempenhava. Mais tarde, o regedor apoderou-se de alguns pertences do padre e subornou o homem do banco para extrair informações.

Pedro Fontes, o regedor, figura típica da época, fora escolhido pela sua honradez, pela sua experiência na I.^a Guerra Mundial, sabia ler e escrever, era um agricultor proprietário da sua quinta e o seu porte era comparado com o do actor Gary Cooper, galã da época. Tinha como funções: recolher os dados para o censo da população; fazer o policiamento da freguesia; proceder à recolha estatística sobre a agricultura local; afixar os decretos governamentais e avisos camarários; notificar os mancebos para o serviço militar e comunicar à Câmara Municipal as irregularidades na administração da freguesia pela Junta. Este cargo não era remunerado, no entanto, era desejado por muitos pela posição social que afigurava.

Pedro Fontes vê-se envolvido em grande confusão, por ser honesto e tentar saber mais do que alguns influentes queriam, por tentar descodificar a morte do padre Desidério, envolta em mistério, olhando a vários indícios, tais como: uma liga vermelha nos seus pertences, a forma como estava no leito de morte, presença de pedaços de quartzo e pitadas de volfrâmio nas botas, a batina tinha lama seca e nos bolsos um molho de chaves e um bilhete, no mínimo suspeito, bem como a descoberta de este estar envolvido no contrabando. Ao procurar compreender estes factos, o regedor enceta uma investigação, embora esta ultrapassasse as suas competências, que lhe veio trazer muitos dissabores por estar a mexer com quem não devia. Acabou por descobrir, com a ajuda do filho, o código de acesso ao cofre do morto, e retirou de lá dinheiro e volfrâmio, ficando com ele na sua posse. Podemos dizer que este foi o delito mais grave praticado pelo regedor que, até então, apresentara um percurso exímio.

Altino Pinheiro, o Presidente da Junta de Freguesia da Gralheira, por se sentir ameaçado e por não conseguir que as coisas fossem ao seu modo, acabou por acusar o regedor de roubo dos pertences do padre. Este ao ver-se envolvido em tamanha confusão, pediu a demissão do cargo e procurou afastar-se da investigação. Entretanto, no meio do tumulto em que se envolvera, Pedro Fontes foi convidado a tomar o lugar de receptor deixado livre pelo Padre, mas não aceitou.

Voltemos a Altino Pinheiro e à personagem que mostrou o lado mais negro da personalidade humana porque quando as coisas não lhe corriam de feição, sem “sujar as mãos”, usava da violência e mostrava quem mandava. Altino Pinheiro era receptor de contrabando que vendia aos ingleses. A dada altura, o seu esquema foi descoberto por um mineiro, Januário Taraitas, e não hesitou em mandar matá-lo, embora o seu intento fosse mal sucedido. Como não conseguiu que o engenheiro Brito, que trabalhava na mina administrada por Hans, colaborasse consigo, na primeira oportunidade vingou-se, sem se identificar, justificando a sua façanha com outro delito. Como o engenheiro tinha fama de mulherengo e como se envolveu com a filha do Presidente Junta, este aproveitou o facto para se vingar de tudo, sobretudo da traição nos negócios. Na aldeia ninguém queria inimizades com ele porque tinham receio das represálias.

A dada altura foi referido o nome Hans Krüger, um engenheiro alemão. Inicialmente foi administrador de uma mina de carvão na Silésia, para estar mais perto do filho que era combatente do exército alemão, mas fartou-se de ser vigiado, inspeccionado e importunado pela GESTAPO e SS. Ele, a esposa e os filhos foram obrigados a fazer prova de pureza de sangue e sentiu-se humilhado por isso. Conjugou este descontentamento com a necessidade que o Terceiro Reich tinha em conseguir mais volfrâmio e veio para Portugal. O trabalho em Portugal era mais rentável porque os mineiros eram assalariados e o valor que recebiam dependia do volume da extracção, enquanto os judeus polacos eram mal tratados e estavam condenados sendo, por isso, menos rentáveis.

Este administrador teve que lutar contra o contrabando. Procurou reaver parte do minério que era desviado por essa via tendo um receptor de sua confiança que negociava e voltada a vender o minério à mina de origem. Apesar de parecer uma transacção estranha, era preferível fazer desta forma do que deixar que o volfrâmio fosse parar na mão dos ingleses que o pagavam mais caro.

Enquanto estrangeiro, Hans tem uma visão muito crítica de Portugal, aliás, como todos os outros da mesma nacionalidade. Ao fim de dois anos em Portugal, ainda não se tinha habituado. “Portugal é um país de moscas, ociosos e ladrões... gente estúpida”(p. 37). Achava que era bom que Portugal se anexasse à Alemanha, como acontecera com outros países: Checoslováquia, Polónia, Holanda, Bélgica, França, Dinamarca, Noruega, Bulgária, Jugoslávia e Grécia. Considerava Portugal um país pequeno e marginal. “A maioria da população não só desconhece qual a configuração do mapa de Portugal, como não sabe o que é a Europa e onde fica. É gente muito ignorante” (p. 271). Segundo ele este estado de coisas era resultado do Governo e do poder religioso. Enquanto na Alemanha, se assistia ao progresso e ao desenvolvimento da indústria como consequência de um investimento na educação e na cultura, em contrapartida, em Portugal, prevalecia a pequena agricultura, trabalho para o qual não era necessário saber ler ou escrever e não era necessário construir auto-estradas porque andavam a pé ou de bicicleta.

O alemão não se envolvia com a população, mantendo apenas relações de trabalho, e foi um dos que criou obstáculos a Altino Pinheiro. Ao descobrir os vendedores do interior da mina, despediu-os e convidou o padre para ser receptor por sua conta e assim fazer frente ao negócio de Altino e reaver o minério, impedindo, dessa forma, que fosse parar às mãos dos ingleses. O Padre Desidério recebia o volfrâmio na Capela da Nossa Senhora do Bom Encontro e, posteriormente, entregava na mina em troca de algum dinheiro para pagar aos que lhe tinham entregado o minério e para seu próprio proveito. Após a sua morte, foi necessário escolher alguém que o substituísse e, pelo perfil de homem sério e honrado, a sorte coube ao regedor, que depois de alguns dias a pensar acabou por recusar o negócio.

Ao longo da história, Hans vê-se envolvido num fenómeno paranormal. Tal como as aparições em Fátima, fenómeno pouco documentado ocorrido aquando da I.^a Guerra Mundial, também este fica envolto em mistério por falta de provas científicas que provem a sua origem e razão de acontecerem. Tal como a Irmã Lúcia relata na sua obra *Memórias*, também Hans recebe a visita de um Anjo, na noite de Natal. Ele observa uma estranha luz branca donde sobressai um jovem vestido de branco com uma bola de espigões na mão. Este Anjo da Paz diz-lhe “A guerra que o teu povo iniciou põe em perigo a harmonia entre os homens. É preciso que seja acordada a paz” (p. 198). Mostra-lhe através de uma visão o que se está a passar com Hitler e os seus colaboradores, dá-lhe imagens da guerra e do holocausto, dá-lhe a conhecer o que se estava a passar com o filho na frente da batalha onde fora ferido e tinha sucumbido. Inicialmente, não quis acreditar no que assistiu, mas procurou encontrar explicações junto de Rui Miguel, o filho de regedor que era seu empregado nas minas. Rui Miguel emprestou-lhe o livro *Memórias* que a sua mãe tinha em casa e este encontrou muitas semelhanças entre o que lhe tinha acontecido e o que tinha acontecido aos pastorinhos, em 1916, aquando do aparecimento do Anjo. Na I.^a Guerra Mundial os pastorinhos tinham sido escolhidos para receber uma mensagem e um pedido de paz, na II.^a Guerra Mundial foi escolhido o engenheiro Hans para receber a mensagem e contribuir para a paz. Só mais tarde deu alguma credibilidade àquilo a que assistiu, quando recebeu a notícia de que o filho tinha ficado ferido na guerra e soube das dificuldades da esposa e da filha na sua terra natal. As luzes estranhas que eram vistas por algumas personagens do romance, as marcas que ficaram junto da mina, as visões do administrador da mina, dão um toque de mistério à narrativa. São levantadas várias hipóteses que podem explicar o fenómeno: podia ser um feito dos ingleses, podiam ser marcianos. Rui Miguel é a personagem que aceita com maior facilidade a existência dos marcianos e interessa-se pelo assunto lendo vários livros, nomeadamente, *A Guerra dos Mundos* de H. G. Wells e via todos os filmes, sobre o assunto, que surgiam na altura, tal como o filme dinamarquês *Uma Viagem a Marte*. Rui Miguel conhecia o conteúdo destas representações artísticas que mostravam visões opostas do que poderiam ser estes seres, os marcianos. No filme os marcianos eram seres inteligentes que primavam pela paz, sendo feito o contraste com o que se passava na Terra. Hans explica que o filme está feito de acordo com a utopia do paraíso e refere algumas obras e autores que ao longo da história também se serviram da utopia para expressar as suas ideias, como é o caso de *A República* de Platão, *De Civitate Dei* de Santo Agostinho, *Utopia* de Thomas Morus, *Shöne neue Welt* de Aldous Huxley. O livro dava uma visão diferente dos marcianos descrevendo-os como seres que invadiam a Terra e tentavam destruí-la. Desta forma, resta ao leitor fazer a sua interpretação e tirar as suas próprias conclusões sobre o assunto.

São várias as personagens femininas envolvidas na trama, mas sobressai, pela sua presença, frescura e envolvimento com outras personagens, a Dona Glorinha. Mulher brasileira determinada que lutou por um casamento estável que lhe desse segurança económica. A sua determinação notou-se em várias alturas. Ao sentir que o português Júlio Torrão, que podia ser o seu futuro financeiro garantido, ia regressar a Portugal, queria de alguma maneira deixar a sua lembrança, e na última noite antes de Júlio embarcar, entregou-se a ele num quarto de hotel. O seu intento pareceu, inicialmente, ter resultado, já que este partiu com a promessa de voltar para ela. O certo é que os meses foram passando e Glorinha descobriu que estava grávida, mas do português não tinha

qualquer notícia. Por se sentir abandonada, achando que Júlio Torrão não voltava, ao quarto mês de gravidez optou por fazer um aborto antes que os pais se apercebessem do que estava a acontecer. Pediu mais algum dinheiro emprestado ao patrão, o senhor Mário, e fez um aborto. Como os juro eram altos e o patrão a estava a pressionar, optou por fazer o pagamento com o próprio corpo, entregando-se ao senhor Mário. Júlio Torrão acabou por trazer Glorinha para Portugal e casar com ela, sem saber o que acontecera na sua ausência. Anos mais tarde, o português engraçou com a filha do caseiro e causou decepção à brasileira que se foi afastando dele e acabou por se aproximar do padre Desidério, primeiro como confidentes, depois também como amantes. Desse relacionamento acabou por resultar mais uma gravidez que só foi descoberta depois da morte do padre. Glorinha mais uma vez teve que ser astuta e pensar numa maneira de resolver a situação. Aproximou-se do marido dando a entender que tinha perdoado a sua traição e assim arranjou pretexto para justificar aquela nova gravidez. Apesar da opinião dos outros, que a viam como a brasileira e chegavam a ter preconceito para com a sua pessoa, foi bem sucedida. Era vinte anos mais nova do que Júlio Torrão, conseguiu fisgá-lo usando os seus dotes de mulher bela e jovem. Júlio que nasceu e cresceu pobre, tornou-se num homem muito rico e influente, dono de muitas propriedades de onde se destacavam as terras das minas e a Quinta dos Barbadinhos. Esta última pertencia à ordem religiosa dos Franciscanos Capuchinhos, que ele restaurou e apetrechou com tudo do bom e do melhor que importou de vários países da Europa. Uma das suas aquisições fora um quadro “*La Marchande d’Amours*” – A Vendedora de Cupidos – de Joseph-Marie Vien que se inspirou num fresco encontrado em Nápoles datado do séc I a.C. e que estava na sala da referida quinta. Esta obra causou espanto e prendeu a atenção de algumas personagens da trama, nomeadamente de Pedro Fontes e de Eline.

Fátima, a filha do regedor, aparece como representação de uma moça instruída, mas que pelas dificuldades da época e por ter acabado o curso de professora há pouco tempo, não tinha emprego e ajudava a família. Namorou com o engenheiro da mina, António Brito, que por sua vez tinha noiva no Porto. Ao tomar conhecimento do facto, Fátima desviou as suas atenções para um empregado da mina, Domingos, que era um rapaz honrado mas sem instrução. Estes triângulos amorosos aligeiram a seriedade do romance e envolvem de sobremaneira o leitor levando-o a não conseguir deixar a leitura com facilidade. Fátima acaba por se cruzar com Eline, filha do administrador alemão da mina, e ensina-lhe a língua de Camões. Fátima acaba por aceitar namorar com Domingos, contra as opiniões preconceituosas das pessoas que a rodeavam, sob uma condição: a de o rapaz se instruir através da leitura de uma obra de Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*. O rapaz surpreende ao ler em pouco tempo não só esta obra mas outras, também do mesmo autor, como forma de conquistar a admiração da sua amada.

Fátima, bem como outras personagens, no final da narrativa usam a língua francesa para se comunicar com a alemã, Eline. Sendo a língua alemã de difícil compreensão, as personagens usam o francês como forma de mostrar a importância que a língua tinha na época na educação. As meninas deveriam saber falar francês, tocar piano e saber bordar ou fazer croché. Eline reúne estas três capacidades e conquista o interesse das personagens e do leitor.

Eline sendo alemã, era luterana e não aceitava de ânimo leve a diferenciação por raças. No passado já tinha ido contra a vontade dos pais ao ficar noiva de um rapaz que morrera no Norte de África e estava agora disposta a, novamente, impor a sua vontade ao querer namorar com Rui Miguel. Se bem que neste caso, a possibilidade de ter de regressar à Alemanha constituía o maior entrave ao sucesso deste namoro. Esta personagem representa mais uma vez a oposição de uma estrangeira face à simplicidade da mulher portuguesa. Usava roupas requintadas, tinha o cabelo louro e curto, era dotada porque sabia tocar piano, falava francês e fazia croché e tinha uma forma diferente de cumprimentar as pessoas com quem se cruzava. Não obstante, estes factores não foram impeditivos para Rui Miguel se perder de amores por ela e esquecer a filha da peixeira de Braga.

A personagem de Eline remete-nos para outras representações artísticas para além da literatura. A moça mostra ter conhecimentos sobre pintura ao identificar com facilidade a pintura de

Joseph-Marie Vien, *La Marchande d'Amours*, presente na Quinta dos Barbadinhos, fazendo aliás alusão à fonte de inspiração do pintor e à localização dos exemplares conhecidos da referida obra. Ao piano, em casa da brasileira, Eline tocou algumas composições de Mozart e de Chopin, e finalizou com *Liebsleid*, que em português se traduz por *Desgosto de Amor*. Mais tarde ensaiou *Mondschein* de Beethoven e *Impromptu* de Schubert.

Ainda a propósito de outras artes ao serviço da comunicação estética em literatura, a Quinta dos Barbadinhos possuía uma biblioteca bastante recheada que Júlio Torrão adquirira a uns fidalgos falidos, por pouco dinheiro. Dona Glorinha apresenta-nos um escritor popular brasileiro da época, Érico Veríssimo, e a sua obra *Olhai os Lírios do Campo*. Júlio Torrão é leitor de Camões, fazendo alusão aos *Lusíadas* e às *Rimas*. Os tangos de Carlos Gardel, nomeadamente *Perfume de Mulher* e *Amargura*, deliciam o casal Torrão na noite de Natal. Todas as formas de arte estão intimamente ligadas e vivem em comunhão.

Retomando o percurso pelas personagens femininas da trama, dona Graça, esposa de Pedro Fontes, é apresentada como uma mulher cobiçada pela sua beleza, pelas suas virtudes e por ser filha de um lavrador de quem herdaria veigas e prados, tendo mesmo sido motivo de discórdia entre Altino Pinheiro e Vamberto, na juventude. Apesar da disputa, foi o jovem recém-chegado da Guerra das Trincheiras, com ar de Gary Cooper, que a conquistou. Mãe extremosa, boa esposa e excelente cozinheira são atributos que transparecem dela ao longo do romance.

Outras figuras femininas são apresentadas na obra e servem para retratar a sociedade da altura, os seus usos e costumes.

As atitudes das personagens servem para nos dar a conhecer as diferentes visões da sociedade e dos costumes da gente portuguesa nessa época. São várias as personagens que manifestam a sua opinião sobre Portugal, a sua sociedade e os seus habitantes.

Júlio Torrão é uma figura importante e retrata os portugueses que a dado momento da sua vida, por altura da I.^a Guerra Mundial, emigraram, sobretudo para o Brasil, à procura de melhores condições de vida. Era filho de pais pobres e aos catorze anos emigrou para o Brasil onde começou por ser moço de recados num comércio de um tio materno, em São Paulo, até que conseguiu ser dono do seu próprio negócio. Conseguiu fortuna e, ao fim de vários anos, decidiu regressar a Portugal. Quando preparava o seu regresso, conheceu Glorinha e não resistiu aos seus encantos. Embarcou sem ela, mas meses mais tarde acabou por trazê-la para Portugal e casou com ela. Devido à sua condição económica era um homem influente na Gralheira. A sua admiração pela esposa não foi suficiente para impedir que se envolvesse com a filha do caseiro traindo assim a esposa e gelando a relação dos dois.

Portugal é considerado um país de gente católica, tal como refere o Dr. Vasques “somos um país católico...” (p.191 e 259). Os padres assumiam uma posição influente na aldeia. As pessoas iam diariamente à missa e, por esse facto, deram conta da morte do padre que faltou à reza da missa das sete.

Júlio Torrão justifica a necessidade de regressar a Portugal com a afirmação: “É que nós, os portugueses, acabamos por voltar à terra onde nascemos. É a nossa sina. Partimos para longe, a ganhar a vida, e depois voltamos.” (p. 40) Podemos depreender o sentimento patriótico dos que partem, para outros países, à procura de melhores condições de vida, como foi o caso desta personagem, acaba por regressar, sendo prática comum do povo português. O Engenheiro Brito refere que “...somos um povo antigo (...) com costumes que nem nós compreendemos por que existem.” (p. 204) “Nós aqui não trabalhamos pressionados ou sob ameaças. Preferimos morrer de fome.” (p. 205), denotando-se o orgulho de ser português e o facto da escravidão já não fazer parte da sociedade da época.

Dr. Vasques, personagem da obra *Memória das Estrelas sem Brilho*, afirma “A justiça nunca foi feita para castigar os criminosos. A justiça existe para salvaguardar os seus interesses e livrá-los do castigo.” (p. 190) Esta afirmação dá-nos a imagem de um país corrupto em que os criminosos se servem da própria lei para salvaguardar os seus interesses e ocultar as suas traulhices.

Durante a obra é feita alusão ao abuso de autoridade por parte dos agentes da GNR, aquando das suas diligências. A obra retrata-os como ignorantes e brutos, teimosamente inamovíveis e que nunca admitiam um erro.

O relato de uma mulher que se prostituiu em troca de arroz para alimentar os filhos, que acabou morta tornando-se numa alma penada, mostra a miséria humana de um país atrasado. O preconceito também se reflecte nas atitudes de algumas personagens. Não aceitavam casamentos com gente simples, como é o caso de Fátima, professora e filha do regedor, que pretendia casar com um mineiro pouco instruído. Viam com maus olhos o facto de Júlio Torrão estar casado com uma brasileira, pelo menos as mulheres não gostavam muito dela, talvez pela sua beleza, elegância e porque não era dali. Ester, a antiga empregada do padre, recusou emprego na casa da brasileira preferindo ficar sem trabalho numa altura de necessidade. A própria Dona Glorinha afirma: “Um padre que abandona a vocação costuma ser muito mal visto aqui.” (p. 216)

Também é feito o retrato de um Portugal supersticioso, típico de meios pequenos e pouco informados, acreditavam em espíritos encostados, maus-olhados, aventesmas e almas penadas. Dr. Vasques afirma que o povo acreditava que matar um padre dá azar.

Júlio Torrão afirma que este país se tornou para ele uma decepção. Ao contactar com uma realidade completamente diferente do seu país, o Brasil, quando regressa rico, a personagem altera a sua visão do país. Para mostrar o seu desencanto por Portugal, Júlio afirma que *Os Lusíadas* são uma farsa. “A visão que dá dos portugueses é uma farsa. Nós não somos um povo de heróis. Somos um povo de ladrões e oportunistas.” (p. 177).

Perante o regedor, a mulher de Altino Pinheiro, confronta-o com a ideia generalizada a propósito dos soldados que foram combater para as Trincheiras “Os soldados mandados para as trincheiras da Flandres em 1917 tiveram uma vida regalada, sem fazerem um corno, enquanto o povo trabalhava de sol a sol para os sustentar.” (p. 237)

A narrativa dá-nos conta do atraso do nosso país em relação a outros países, como a Alemanha, onde já se verificava a introdução de máquina/alfaias agrícolas na agricultura e em Portugal a força de braço ainda era a ferramenta mais importante. É considerado um país adormecido e atrasado. A justiça era lenta e os procedimentos administrativos eram muito burocratizados. O regedor quando teve que proceder oficialmente à renúncia do seu cargo teve que preencher uma série de impressos durante praticamente uma manhã, por outro lado, a imagem que passa dos funcionários públicos e também negativa, a prová-la o caso do funcionário da Câmara Municipal que estava a folhear o jornal e ignorou a chegada de um cidadão para resolver o seu problema, sendo quase necessário pedir “por favor” para o vir atender.

Até ao momento, foi apresentada, de alguma maneira, a visão de quem era português. Interessante foi conhecer a visão dos estrangeiros, nomeadamente alemães.

Fritz Meyer refere que “Portugal é um país maravilhoso, muito sol, pouco frio, bom vinho, bom peixe, o mar, a montanha, a planície, tudo perto e à mão. Para já não falar das riquezas minerais. Este país é na sua pequenez, uma gigantesca reserva de ouro, prata, chumbo, ferro, cobre, zinco e, claro, volfrâmio.” (p. 269-270). Os alemães manifestavam vontade de tornar Portugal num protectorado alemão e fazia falta à Alemanha.

Já Werner diz que “Os portugueses têm um espantoso complexo de inferioridade individual projectado num desmesurado complexo de superioridade colectivo.” (p. 271)

Hans considera que o complexo de superioridade é alimentado pela visão de poetas ou por escritores exotéricos. Acha que Portugal é um país pequeno e marginal. “A maioria da população não só desconhece qual a configuração do mapa de Portugal, como não sabe o que é a Europa e onde fica.” “É gente muito ignorante.” Apontava o governo e o poder religioso como responsáveis por este estado de coisas. Na Alemanha assiste-se ao progresso da indústria fruto do investimento na educação e cultura. Em Portugal continua-se a viver da pequena agricultura para a qual não é preciso saber ler ou escrever e como andam a pé, de mula ou bicicleta também não precisam de auto-estradas.

Harold interessou-se pela história de Portugal. Afirma que sofreu muitas invasões e que os invasores foram quase sempre dizimados (romanos, árabes, espanhóis e franceses). Antes de a Alemanha ser o que é, já os portugueses tinham dado a volta ao mundo.

Numa troca de opiniões entre alemães, num jantar de Ano Novo, são feitos mais alguns apontamentos relativamente a Franco e a Espanha. Havia a informação que Franco tinha feito um estudo para tomar Portugal em 28 dias. Na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) donde saiu vitorioso o regime ditatorial de carácter facista liderado por Franco, os portugueses participaram como voluntários e eram colocados na frente da guerra. Se morressem tanto fazia e se sobreviviam é porque eram mais fortes e destemidos, na opinião de Harold. No actual conflito, II.^a Guerra Mundial, Franco optou por se aliar à Alemanha e enviou voluntários. Eram considerados indisciplinados, briguentos, cobardes. Não faziam falta e só se mantinham por uma questão política. Werner apresenta o seu ponto de vista e reafirma a superioridade da raça branca pelo heroísmo, perseverança, abnegação e beleza.

Nesse mesmo jantar, as comparações entre as diferentes raças vão sendo feitas pelas diferentes personagens, sendo feita alusão à tourada para diferenciar portugueses dos espanhóis, os primeiros mais valentes e corajosos por enfrentar o touro de frente e desarmados. Werner mostra-se contra as touradas afirmando que “É um costume bárbaro que só prova que esta gente é muito atrasada” (p. 274) e uma “camada de piolhosos”.

A dada altura a conversa passa para o campo político. Fritz diz que os portugueses não precisam de ser conquistados para a causa do Nacional-socialismo. Salazar é o pilar do regime e simpatiza com as medidas de *Führer* contra o alastramento do comunismo.

Werner refere que o regime de Salazar nada tem a ver com o regime alemão. É um regime autocrático, tradicionalista, conservador. Salazar é um aldeão que andou na universidade e governa o país como se fosse uma herdade. Se o Terceiro Reich integrar Portugal, *Führer* deve demitir logo Salazar que é mais perigoso e inteligente do que Franco, apelidando-o de boneco. Salazar simpatiza com a causa alemã mas está de conclusão com os ingleses.

Em relação às mulheres portuguesas, Werner tem uma visão muito negativa. Afirma que se vestem mal, não lavam os dentes nem tomam banho senão em dias de festa, têm pêlo por todo o corpo que não rapam nem cortam, são supersticiosas, ignorantes e ciumentas. Este alemão considerava um crime deitar-se com uma mulher que não fosse da raça ariana.

É interessante ver como ao longo da obra há o resgatar de algumas personagens do primeiro romance desta triologia. Pedro Fontes, Dr. Vasques, Manuel Rodrigues ou Tibães e Hans são algumas das personagens que figuram nas duas obras e são feitas várias referências à sua actuação em *Memória das Estrelas sem Brilho*. Mais tarde, no encontro de ex-combatentes, são referidos outros companheiros de guerra. Todos lutaram integrados no Corpo Expedicionário Português, apenas Hans lutou pelos alemães tendo, por isso, no passado, estado do lado contrário. Neste romance todos parecem estar do mesmo lado. Hans não concorda com os ideais defendidos por Hitler e o Terceiro Reich e acaba por ter um papel importante, de acordo com a obra, no término da Guerra e na exportação do volfrâmio, após a aparição do Anjo da Paz que lhe referiu que ele podia fazer a diferença e ser o grão de areia a emperrar a máquina.

A Guerra nas Trincheiras é referida aqui e além para descrever vários aspectos: o tipo de alimentação a que tinham acesso; os “passatempos” que usufruíam, como as visitas a *mademoiselle* Colette; os efeitos que provocou, mortes e estropiados, traumas, entre outras consequências que o tempo não conseguiu apagar. A dada altura e a pedido do Dr. Vasques, Pedro Fontes prepara um encontro de ex-combatentes das trincheiras.

A obra finda com o terminar da Guerra. Em 6 de Junho de 1944, dia D, os aliados desembarcam na Normandia e avançam em França, com determinação, dizimando o exército do Terceiro Reich.

A 12 de Junho de 1944, Salazar, por Decreto-Lei, ordenou a suspensão da exploração do Volfrâmio e proibiu a sua exportação e circulação. Face às pressões, não havia volfrâmio para ninguém.

Também a sorte das personagens é ditada. Uma foram bem sucedidas nas suas escolhas, outras sofreram com as alterações verificadas na própria aldeia e no mundo.

O desfecho da trama é surpreendente e, finalmente sabe-se quem roubou as jóias do cofre da igreja e quem matou o padre, que na realidade, foi a mesma pessoa, Ester. A serviçal do padre nutria por ele uma paixão, que alguma altura foi alimentada de alguma esperança, mas mais tarde ao sentir-se trocada por uma estrangeira, não aguentou de ciúmes. Esta personagem passa quase despercebida ao longo da história, causando alguma perplexidade ao revelar a sua acção. De forma natural, fez um chá relaxante para o clérigo que descansou na paz dos anjos para toda a eternidade. A narrativa acaba quase da mesma maneira como começou, com uma morte, só que desta vez havia explicação para o sucedido. A personagem que desencadeou o enigma no início matando misteriosamente o padre, suicidou-se causando novamente grande alvoroço na pacata e hipotética aldeia da Gralheira, nos arredores de Braga.

O autor assume a influência de alguns autores clássicos e de algumas obras com que contactou, sem no entanto recorrer à imitação, pelo contrário, segue o seu próprio percurso. É curioso verificar a influência de Eça de Queirós que procurava retratar a sociedade, a política e a situação económica, os usos e os costumes da população da sua época, apontando sugestões e fazendo críticas, bem como apontando possíveis caminhos para sair da decadência vivenciada aos vários níveis. Também José Leon Machado o faz. Ao longo da obra são retratados os usos e os costumes da população, alguns já descritos em momentos anteriores. Parece haver intertextualidade ideológica se nos reportarmos aos jantares das obras *A Vendedora de Cupidos* de José Leon Machado e *A Capital!* do Eça. Em ambas as obras há um capítulo destinado ao evento e em ambas são expressas várias informações importantes para as narrativas, sem esquecer o facto de os dois acontecerem em Hotéis.

Camilo faz parte da história dos romancistas românticos do nosso país e abordava temáticas ligadas aos costumes populares, à crítica, às relações familiares, entre outras. É possível encontrar as mesmas temáticas nas obras de José Leon Machado, em particular nesta que agora é analisada.

O uso da linguagem popular é também uma presença agradável ao longo do romance. “ti Clarindo”, “...por mor do roubo de galinhas.”, “cibo” (p. 9), “– Boa vai ela!” (p. 13), “...fomos pro putedo.” (p. 91), “...distinguir o trigo do joio.” (p. 115), “casório” (p. 116), “largo o pão e corro à bolina para casa.”, “vossemecê” (p. 130), “– A tua filha deve ter acordado de cu pró ar..” (p. 137), “larápios”, “Se chigarmos ao posto de mãos a abanar...” (p. 285), “roubalheira”, entre muitas outras, são expressões deliciosas e hilariantes que tornam a leitura deliciosa e cativam o leitor.

A sensualidade é outra nota dominante e que refresca a seriedade do tema. Logo na primeira página assistimos à interrupção de uma noite amor entre o regedor e a esposa. No avançar da narrativa, são relatados outros momentos amorosos, onde os pormenores não são poupados e prendem a atenção do leitor. As metáforas usadas são outro ingrediente encantador e envolvente.

São feitas algumas comparações entre os ricos e os pobres e a forma como cada um estava perante a guerra que deflagrava. É descrita a simplicidade da vida e da casa do regedor, que só mais tarde comprou uma bicicleta para se deslocar, em contraposição com a postura de Júlio Torrão, o dono de uma grande herdade que estava recheada do bom e do melhor, tendo mesmo recorrido à importação da maioria do recheio da casa, uma farta biblioteca e uma adega recheada de vinhos franceses e que usava um *Mercedes* para as suas deslocações.

É feita referência a aspectos arquitectónicos de alguns edifícios. A casa da Quinta dos Barbadinhos, anteriormente pertencente à ordem religiosa dos Franciscanos Capuchinhos era em perpianho, tinha as cornijas, o arco das portas, o peitoril das janelas e a escadaria exterior em

granito lavrado do século dezassete. É referido que a casa possuía gárgulas, pequenos monstros de pedra, característicos da arquitectura gótica. O mobiliário era do século XVIII e XIX.

A mesma quinta tinha uma capela que, embora fosse de construção anterior, tinha a data de 1750, altura em que fora restaurada e ampliada pelos frades.

A capela de Nossa Senhora do Bom Encontro, sobre o Monte de Alvapenha, servia para os encontros clandestinos dos casais enamorados e para recepção do contrabando, tinha o altar em talha dourada, remetendo para o barroco.

Júlio Torrão faz um testamento e deixa parte dos seus bens ao Asilo de Conde de Agrolongo, edifício imponente, embora não descrito na narrativa.

A sétima arte é referida ao longo da obra, por diversas vezes, e serve para expressar diferentes ideias, nomeadamente, alguma justificação para os acontecimentos estranhos na mina. Fátima e Domingos assistem ao filme *Bola de Fogo*, com Gary Cooper e Barbara Stanwyck, numa tarde de domingo.

A gastronomia é referida com alguma assiduidade e são apresentadas algumas bebidas e pratos típicos da mesa portuguesa: cozido, pudim, presunto com pão, batatas cozidas com pele e couves galegas e bacalhau, bacalhau à Gomes de Sá, bacalhau com natas, rabanadas, mexidos, aletria, sardinhas, febras, feijoada com carne de porco, aguardente, bagaço, porto, entre outras.

Outros aspectos mereceriam uma análise mais cuidada, mas por falta de espaço não o é possível nesta explanação.

Como refere José Leon Machado, “Este é um romance de mistério, onde afinal o único mistério, num confronto directo com a literatura da moda, é não haver mistério nenhum”

Conclusão

Este romance ainda continua ideologicamente actual. Embora o nível de vida, a tecnologia, o regime político, entre outros aspectos, tenham sofrido uma melhoria, muitos dos valores e costumes aqui retratados ainda vigoram nos nossos dias. Continuamos a ser um país de gente que se vangloria dos feitos históricos e, inertemente, deixam a vida passar-lhes à frente dos olhos sem nada fazerem. Agimos por arrasto e continuamos na cauda da Europa à mercê das decisões dos outros. Tal como outrora Portugal, em várias épocas, teve do bom e do melhor mas não soube fazer render, também agora vivemos acima das nossas possibilidades. Vivemos numa sociedade de aparências e, em muitos casos, continua-se a valorizar o TER em desprazia do SER. Não nos dotamos de mecanismos e ferramentas, sobretudo a nível intelectual, e continuamos a ser um alvo fácil. Tal como nessa altura, também hoje o nosso futuro passa pelas mãos de outros países europeus, nomeadamente da Alemanha.

Ainda hoje, vigora a corrupção e o uso de influências. Penso que o povo manteve o mau da sua personalidade, a corrupção, o comodismo, o desejo de vingança adquirido ao longo da história e não valorizou os aspectos bons, tais como a coragem, o heroísmo, a determinação, o desejo de ir mais longe pelo trabalho e pela instrução.

Julho de 2011

Bibliografia

Machado, José Leon (2008). *Memória das Estrelas Sem Brilho*. Braga: Edições Vercial

Machado, José Leon (2010). *A Vendedora de Cupidos*. Braga: Edições Vercial

http://neh.no.sapo.pt/documentos/portugal_na_II%20guerra%20mundial.htm

<http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=57>

<http://pt.wikipedia.org>